



Ananaz, Kanguimbu. *Nas entranhas do mar* (2022). Traducción: Larissa Gonçalves Menegassi e Ignacio Rivera Pallante. Chile: Editorial Puntángelos, 48 págs.

Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia  

<https://dx.doi.org/10.5209/afri.97284>



O percurso do movimento da experiência vivida transposto em *Nas entranhas do Mar*, obra da poetisa e psicóloga angolana, Kanguimbu Ananaz, conduz o leitor a navegar pela dialética da relação do sujeito com o oceano. Não se trata de um registro do espaço físico, na qual o mar interliga uma rede de comunicação e de vida, por meio da geografia. Há, em uma primeira instância, nos versos de Ananaz, essa referência do oceano como articulação geográfica de continentes e países. Entretanto, é na ressignificação da história, a partir da materialidade do cotidiano e dos saberes que vão se configurando na realidade de Angola, que a poetisa exige o refazer da temporalidade na produção de sentidos do leitor. Pois é nesta mesma dimensão de tempo e espaço do mar, que a voz da pluralidade se acentua: há o passado entoando contrapontos que demarcam tanto a violência, na qual o negro foi violentado em seu valor humano, quanto as sociabilidades vividas e que são narradas na localidade. Há o presente que se rearticula pelos dilemas de homens e mulheres que laboram para ratificar seja a existência pela identidade, seja a resistência como luta política.

A autora angolana traça uma cartografia do cotidiano que possibilita mergulhar nos atravessamentos das ondas da vida, sinalizado por temáticas que sustentam os dilemas para quem o viver está interligado ao oceano. Para cada estrofe, uma temática. E para cada temática da vida, o vigor do discurso da autora vai compondo o paradoxo da diferença e da identidade. Logo na primeira estrofe, a autora desvela os dilemas dos sentidos do oceano, que se estenderá por toda reflexão da obra. Pois como entender a afirmativa “O amor do mar, o que faz ninguém faz, o que dá ninguém dá, toda emoção na boca do mar” senão por uma profunda rearticulação de sentido reflexivo da experiência vivida no cotidiano?

O oceano é instaurado como substantivo em que a sua continuidade e descontinuidade de sentimentos mergulha o sujeito no imprevisível, em que se irrompe o amor, em sua natureza cíclica. E é justamente no

amor do oceano, que o leitor é colocado no dilema do sentido e que todo o sentimento é exposto pela emoção na boca do mar. É do silêncio do olhar para o infinito, cujo figurativo nos remete ao sujeito que se encanta e transcende a dimensão geográfica do espaço do oceano, ou da fala finita, que se exterioriza para ser transposta depois da comunicação presentificada, como memória no futuro. Em ambos os contextos, se instaura o valor do cotidiano “em meio as falhas dos homens” e da “perfeição dos desejos”. E assim é possível compreender “o azul mar no verde dos sorrisos”, a partir do distanciamento e da proximidade, daquilo que a emoção condiciona o infinito do mar; ou daquilo que a reciprocidade do sorriso, do verde sorriso, rega as histórias de vida em todos os seus mistérios.

E como num gesto de continuidade reflexiva da temporalidade, a poetisa nos revela, de forma dramática o quanto o mar é necessário para a existência do sujeito no movimento da vida. O mar enquanto espírito de sabedoria ancestral, o oceano que banha o corpo num afeto de ternuras, o reconhecimento de seu sentido matriarcal, são termos que vão sendo dispostos em meio a construção do poema que trata da vida enquanto relação política e dialógica com as ondas. Para além da geografia humana, o oceano tem uma profundidade que ultrapassa a simples conexão comunicativa. Kanguimbu Ananaz vai se utilizar do mar como ecologia.

A importância de tratar a ecologia nos remete ao processo de construção histórica que possibilita o cultivo da cultura, da luta pela identidade como valor no cotidiano. O termo então ecologia se desprende da articulação instrumentalizada do ambiental para vir à tona como o vir a ser, o reconhecer-se como sujeito no tempo e espaço. As estrofes permitem percorrer as ruas do cotidiano de Angola, em sua realidade vivida. E a poetisa vai construindo edifícios argumentativos para que a cada andar de sua poesia, seja possível descortinar os ambientes, as situações que articulam a complexidade de quem mergulha nas entranhas, e reconhece o reducionismo de quem se limita a percepção da superfície do mar.

A edição bilingue de *Nas entranhas do Mar*, publicada em 2022, tem a tradução de Larissa Gonçalves Menegassi e Ignacio Rivera Pallante, e envolve a cooperação da Universidad de Playa Ancha, Cátedra Fernão de Magalhães e Camões Instituto de Cooperação e da Língua Portugal. A introdução histórica é assinada pelas Dra. Juliana Santos Menezes, da Universidade Nova de Lisboa, Portugal / Instituto Federal da Bahia, campus Ilhéus, Brasil e Dra. Daiana Nascimento dos Santos, Coordenadora da Cátedra Fernão de Magalhães - Instituto Camões e do Departamento de Artes Integradas-Facultad de Artes, Universidad de Playa Ancha, Chile.